



**Marcelo Neri, 42 anos, Ph.D. em Economia pela Princeton University. Chefe do Centro de Políticas Sociais do IBRE/FGV e Professor da EPGE.**

#### **IDE Notícias – Por que o sr. escolheu a Economia?**

**Marcelo Neri** – Comecei a fazer Administração na PUC-RJ, mas depois mudei para a Economia, porque cheguei a conclusão que era um curso que me preenchia mais, com um corpo teórico mais sólido. A Economia te dá instrumental para a análise de diversos campos, desde a decisão de casar e ter filhos ou de comprar um carro ou ações. Até queria fazer vestibular para Administração na Ebape, que se chamava Ebaop na época, mas foi justamente no ano em que a FGV acabou com seus cursos de graduação.

Acho que a Economia mudou muito, principalmente no Brasil. Antes, a preocupação era refletir na superfície de grandes questões mas hoje em dia, a disciplina está mais profunda e focada em coisas mais específicas e reais. É um avanço do ponto de vista metodológico e substantivo.

#### **IDE Notícias – Qual foi a primeira pesquisa que o sr. fez?**

**Neri** – Foi a minha tese de mestrado sobre as causas do boom de consumo do Cruzado. Quando o Plano Cruzado foi lançado eu já conhecia seus pressupostos, tinha consciência dos seus princípios. Tenho especial prazer de estudar o que vivo, o que está acontecendo no país, observar o desenrolar da história como parte integrante da cena. Só que é uma prática que vai um pouco contra à idéia do método científico, no qual existe uma separação clara entre o pesquisador e o objeto de estudo.

Os principais responsáveis por eu ter aprendido a gostar de pesquisa foram os monitores e os jovens professores que estavam cursando o Mestrado. Eles me passaram a paixão de quem está começando, eu ainda estava no curso de graduação. Na época que virei professor, eu trabalhava no Mercado de Capitais e nunca existiu um momento na minha vida em que pensei “quero virar pesquisador”. Aconteceu.

#### **IDE Notícias – Quando o sr. entrou na FGV?**

**Neri** – Foi no dia 1º de janeiro de 2000. Antes, eu trabalhava no IPEA. Fui chamado para montar o Centro de Políticas Sociais, tema que não estava associado à imagem da Fundação Getúlio Vargas. É similar à época, por exemplo, em que decidiram incluir o “S” de social ao nome do BNDE, que virou BNDES. O IBRE (Instituto Brasileiro de Economia) onde o CPS está situado está levando cada vez mais a sério a idéia de mergulhar na realidade do Brasil. Hoje, o conteúdo produzido na FGV é cada vez mais eclético indo desde o *think tank* dos desafios nacionais que é o IBRE até a produção voltada às melhores revistas internacionais no caso da EPGE (Escola de Pós Graduação de Economia). A Fundação está conseguindo



explorar a interação destes dois lados da mesma moeda. É fascinante tomar parte deste processo. Eu diria que a FGV está para o Brasil como Harvard está para os Estados Unidos.

### **IDE Notícias – E o Brasil de hoje é muito diferente do Brasil de seis anos atrás?**

**Neri** - A sociedade brasileira está mudando sua perspectiva, alongando os horizontes mas sempre nos reservando algumas surpresas. Por exemplo, estamos observando um aumento na da formalidade do emprego nos últimos três anos e a chamada desigualdade “inercial” brasileira, que estava há 30 anos estagnada, vem sofrendo uma rápida redução. Algo inimaginável há um par de anos. No Brasil quem não olha a sua volta e não se atualiza, se “intrumbica”.

### **IDE Notícias – Como é o trabalho na CPS? Com a produção de tantas pesquisas, dá tempo para o lazer?**

**Neri** – Aqui, conto com uma equipe de 11 pessoas. Somos como um time de futebol no qual o treinador joga, uma “pequena grande equipe”. Somos todos apaixonados pelo Brasil, pela superação dos desafios nacionais. Fiz questão que o centro se chamasse de políticas sociais e não apenas de estudos sociais. Já que o objetivo final é atuar de maneira independente na realidade, mudando conceitos das pessoas o que vai permitir alterar nossas políticas públicas e nossas práticas privadas.

O ápice na vida do pesquisador empírico é descobrir coisas que ele não esperava. A surpresa é o conhecimento na forma mais pura. E o Brasil sempre surpreende. Investimos em diversas pesquisas simultâneas que, no final, vão integrando um grande quebra-cabeça. A tecnologia que o CPS desenvolveu nos permite explorar a sinergia entre estas pesquisas. É fascinante viver no século XXI, onde a inovação e a conectividade se retroalimentam. É só lembrar do 11 de setembro nos Estados Unidos. Todos nós estávamos conectados e, quem não viu o primeiro avião atingir o World Trade Center, com certeza viu o segundo. Normalmente, escolhemos temas relevantes para a sociedade naquele momento, ou aqueles que têm pouca massa crítica, que foram pouco discutidos. Sobrevoamos todos os dias a sociedade brasileira através de grandes bases de dados, em busca de novos retratos dos brasileiros.

### **IDE Notícias – Mas o que o Marcelo Neri faz quando não está trabalhando?**

**Neri** - Costumo dormir cinco horas por noite. Consigo me desligar fácil quando deito. Mas adoro ver o nascer do sol, por isso gosto de acordar cedo. Tenho uma verdadeira paixão pelo Rio de Janeiro, apesar dos pesares. Gosto de subir as montanhas, entrar na mata mesmo, e ver a cidade desde cima. Além disso, adoro tudo relacionado ao país: filmes,



música e livros brasileiros, ou associados a nossa realidade. No momento, estou lendo o livro "O mundo é plano" que estou gostando.

**Nota do IDE Notícias: "O mundo é plano: uma breve história do século XXI" é de Thomas Friedman, publicado no Brasil pela editora Objetiva. Nele, o jornalista faz uma análise da globalização, explicando como ocorreu o achatamento do mundo, seu significado para países, empresas, comunidades e indivíduos; e como governos e sociedades estão se adaptando.**

#### **IDE Notícias – O sr. tem filhos? É casado?**

**Neri** – Tenho um filho de 9 anos que gosta mais de números do que eu. Ele adora, por exemplo, acompanhar a apuração de votos de uma eleição, ou acompanhar a classificação dos campeonatos de futebol. Sou casado desde 1995.

#### **IDE Notícias – Quais são seus projetos para este ano? Alguma pesquisa nova em mente?**

**Neri** – Estamos fazendo avaliações em 12 países da América Latina. Explorando diferentes experiências locais da região. Ampliando os horizontes para o resto do continente, aliás viajar é sempre uma experiência muito rica. Morei fora do país algumas vezes, por exemplo na África do Sul. Fui para lá, porque meu pai trabalhava numa multinacional e acabou sendo transferido em plena era do *Apartheid*. É fascinante ver como tudo mudou por lá desde então.

Por outro lado, continuamos no CPS com o mesmo desafio do ano passado: falar para um público mais representativo do Brasil, usar linguagem acessível na divulgação das pesquisas, fazer chegar ao cidadão comum. Por exemplo, fornecer ao José da Silva que mora numa pequena cidade dados que o permitam tomar melhores decisões acerca da educação de seu filho. Qual deve ser o papel dos pesquisador da área social? Ajudar cada pessoas conhecer mais o seu mundo. Devemos ter a preocupação em traduzir os resultados, permitir que cada um transforme a informação recebida em conhecimento. Isto possibilita influenciar políticos não pelo canal direto de um texto voltado para ele, ou para os chamados formadores de opinião mas ao aumentar a pressão através das percepções do povo. Já conseguimos simplificar as informações em 2005 e, agora, precisamos aperfeiçoar o trabalho de difusão dessas pesquisas, exploramos novas mídias: internet, imagens e interações com realidades locais. Agora o canal mais decisivo ainda é o da televisão aberta. No Brasil, a verdadeira globalização é a da Rede Globo.